

A ILLUSTRACÃO

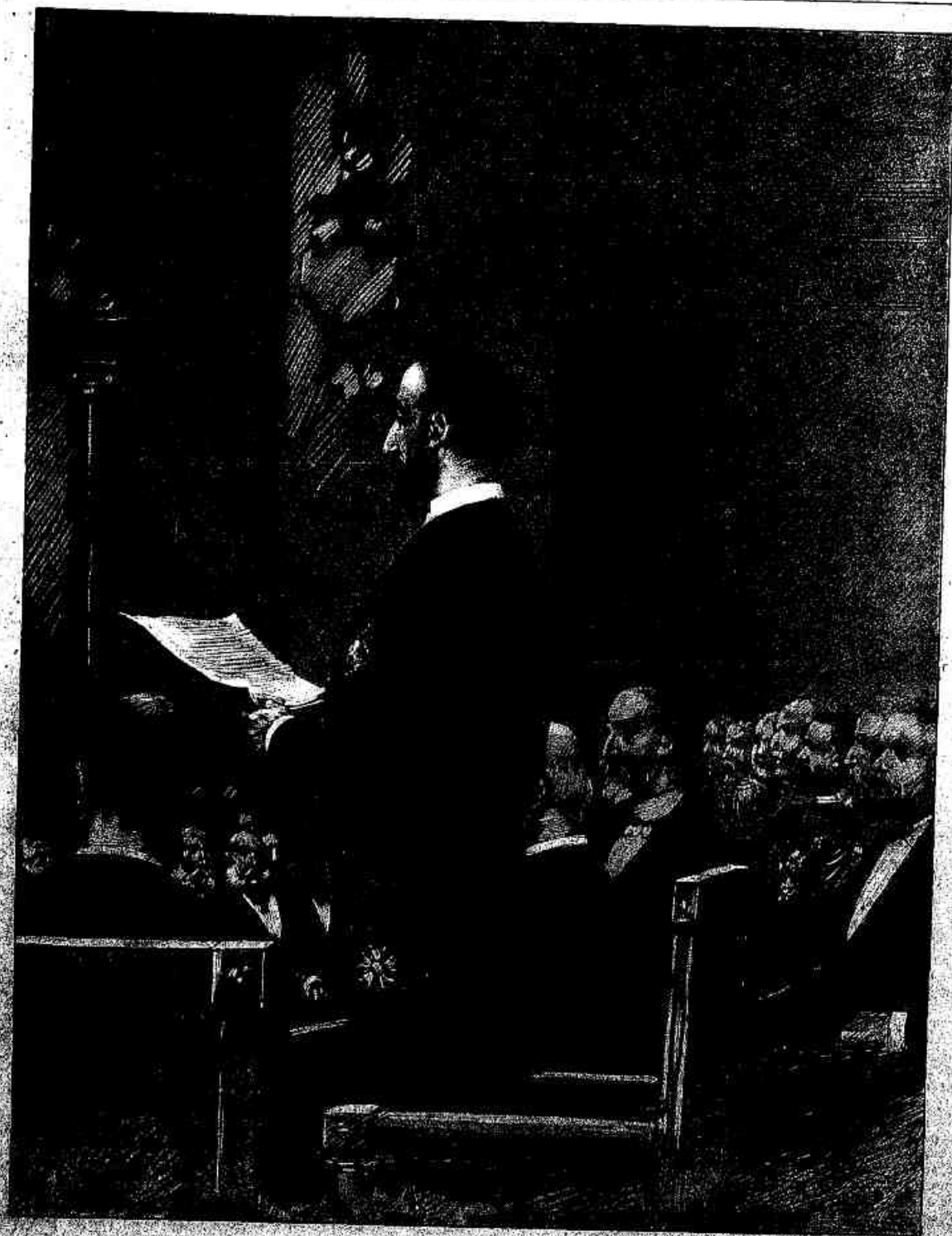
DIRECTOR-PROPRIETARIO: MARIANO PINA

N.º 10. — VOLUME VI.

PARIS 20 DE MAIO DE 1889.

Escritorios: Paris, 13, Quai Voltaire.

SEXTO ANNO



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA DECLARANDO ABERTA A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL.



A ABERTURA DA EXPOSIÇÃO

NUNCA em Paris se viu um dia tão animado e tão brilhante. Nunca Paris, segundo o testemunho dos velhos parisienses, assistiu a um tão bello espectáculo, a esta festa e a esta alegria d'uma capital immensa saudando a obra grandiosa do trabalho e da intelligencia, e ornando as fachadas das casas e os monumentos publicos de bandeiras tricolores e de bandeiras de todas as nacionalidades, para saudar a chegada dos estrangeiros aos muros da Sena...

O dia 6 de maio, segundo todos os velhos parisienses, foi além das mais extraordinárias dias de festa do segundo império. E todos quantos assistiram á inauguração da exposição universal de 1889 e da exposição universal de 1878, são os primeiros a afirmar que nada pode egualar, nem um esplendor, nem um movimento, nem em alegria, este dia 6 de maio de 1889, em que o sr. Carnot, sob o grande zimbório central do Campo de Marte, rodeado de todos os altos dignatários de França e das commissões estrangeiras das diferentes secções da exposição, declarou aberta a *Exposição universal e internacional de Paris*.

Imaginemos que um leitor mais sceptico, me fosse difficil de entusiasmar, convencido de que as palavras perduram n'este século de democracia á *outrance* a verdadeira significação que umra tinham, e que nem tudo que se afirma nos jornais ser bello, é realmente bello, — me dispunha o seguinte discurso:

— Meu caro sr. Chronista. Paris é sempre o mesmo Paris. Bandeiras e trophéus são sempre bandeiras e trophéus, e é assim que Paris se enfeitou no dia 14 de julho, dia da festa nacional da Republica. Ora sendo as festas do 6 de maio no mesmo estylo das festas do 14 de julho, porque razão ha de ter o sr. Chronista mais gritos d'espanto e mais pontos d'admiração, para fallar d'esse 6 de maio, do que não costuma ter quando fallas d'um 14 de julho?

A este discurso d'um tão notavel quanto presciza *santo-panem*, proprio a arrefecer o mais incandescente entusiasmo, parece-me do meu dever responder do seguinte modo:

— Querido Sceptico, e meu amigo! A sua logica cerrada, fria e implacavel, deixa-me realmente atordado. Effectivamente, não ha razão para maiores e mais agudos gritos d'entusiasmo, porque Paris no dia 6 de maio, por dez vezes mais bandeiras e mais trophéus, do que costuma pôr no dia 14 de julho. E se a alegria se contasse por duzias de bandeiras, como no mundo a importancia social se conta pelas duzias de contos de reis que os imbecis possuem em casa, ninguém seria mais alegre como o pessoal das officinas onde as mesmas bandeiras se fabricam. Ora eu já morei durante annos ao lado d'um fabricante de bandeiras, que reunia a este patriótico commercio, o do fabrico em larga escala de mascaras de papelão; e devo dizer-lhe, adorado sceptico e meu amigo, que nunca vi ninguém tão triste, nem tão casmurro, como esse que acendia com farrapos o entusiasmo no seio das multidões, e mascava de papelão nos dias de carnaval, as pessoas mais alegres do meu bairro.

« Evidentemente, o Sceptico da minha alma, que o entusiasmo não provém de mais um milhão de bandeiras tricolores, addicionado ao numero usual para festas de menor importancia. O entusiasmo parisiense provém unicamente de que, cada habitante de Paris, considerou como um dever de bom cidadão e de bom francez, provar o seu contentamento pela inauguração d'esta Exposição, que ha de ficar na historia como o mais bello esforço da intelligencia humana no século XIX, e como a prova indelevel de que é ainda a França, n'este momento historico, o paiz da Europa que tem coragem para grandes audacias, para grandes cometimentos!

« Cada habitante de Paris — apesar das divisões politicas que separam e agitam esta enorme população — comprehendeu claramente o alcance d'este acontecimento, e a importancia d'este dia. Cada habitante de Paris soube comprehender que o 6 de maio de 1889 não era data que pudesse ser explorada por este ou por aquelle partido, desde o monarchico, até ao socialista. Cada habitante de Paris comprehendeu que o 6 de maio passaria a ser uma data exclusivamente franceza, e que se trata, não de vaidade d'um partido ou d'uma instituição — mas da gloria da França!

« D'aqui, querido Sceptico do meu coração, esta differença de entusiasmo que faz com que o 14 de julho (que celebra a data da tomada da Bastilha) seja uma festa de todos os republicanos, em quanto que o 6 de maio (dia da abertura da actual Exposição) foi a festa de todos os francezes.

« D'aqui, a comprehensão de todos os parisienses de que o mundo tinha os olhos voltados para Paris, e de que em Paris se achavam representantes, de todo o mundo. D'aqui, este bello movimento patriótico, que fez com que Paris considerasse esse dia, como um dia glorioso para a França. E todos os estrangeiros que se achavam n'esse dia em Paris, conservam aão de memoria para sempre, porque assistiram a uma d'estas festas que nunca mais encontram igual, porque são o resultado d'um movimento inesperado d'uma multidão de perto de tres milhões d'individuos!

« Eis quanto a mim, caro Sceptico, a razão porque o teu Chronista tem hoje mais gritos d'espanto e mais pontos da admiração, do que costumo ter com outras festas, não menos brilhantes, mas muito menos sinceras, espontaneas e sentidas.

Tudo isto que para aqui tenho estado a declarar, não é tanto para lhes descrever ou dar uma vaga impressão do *pittoresco* de Paris, vendo-se todas as casas, todas as ruas, todos as avenidas, cobertas de bandeiras de todos os paizes, de trophéus onde a bandeira de França se entrelaçava com o estandarte da China, ou do Mexico, onde as bandeiras de Portugal e do Brazil se mesclavam com as bandeiras da Rússia, ou dos Estados-Unidos, ou da Turquia, ou do Japão, o que dava a Paris um aspecto, não de Paris, capital da França, mas principalmente de — Paris, capital do mundo!

O que eu queria era dar-lhes uma impressão, ainda que muito fugitiva, não do *pittoresco* da cidade com todos as suas decorações, e o movimento excepcional d'esto dia, — mas da alegria da população parisiense, d'esta alegria que se não estereotypa nos rostos dos individuos, mas que nós sentimos que ella vive, que ella existe, no coração das multidões; d'esta alegria communicativa que incedia e oltur mais amorteção e mais indifferente; d'esta alegria de multidão que sente e palpa a grandeza e o esplendor da sua patria; d'esta alegria que é uma forma nobilissima do orgulho nacional; d'esta alegria

que se respirava no ar de Paris, que era a expressão festiva do grande acontecimento que se estava celebrando; d'esta alegria da multidão parisiense que se podia traduzir por estas palavras, se perguntassem a essa multidão porque estava tão alegre:

— « Porque somos uma parcella d'esse povo ao qual nenhum reves tem podido aniquillar. Porque somos uma parcella d'esse povo que pode soffrer as maiores provações e as maiores desastres, mas a quem a adversidade não é capaz de fazer succumbir. Porque somos a parcella d'esse povo que em 1789 souhou o primeiro grão de Liberdade em plena Europa; e que com annos depois, sabe sorrir da grãee dos Estados europeus que não querem fazer o universal da Revolução franceza, ensinando ao mundo, com o exemplo d'esta grandiosa Exposição, o que d'essa Revolução resultou para o genio humano. Porque somos a parcella d'esse povo que occupa o seu lugar entre os primeiros paizes da Europa, não por ser tão rico como os mais ricos, nem tão forte como os mais fortes, mas porque é o unico que sabe, antes de tudo, prestar homenagem ao Trabalho e ao Talento!

N'este momento do nosso século, dois grandes paizes se acham em face um do outro, ambos animados d'um odio terrivel de rages, ambos poderosos, ambos terrivelmente armados, ambos vigilantes á espera do momento em que se hão de ajustar as terríveis contas das campanhas de 1870, em que o prestigio militar da França foi sacrificado á decadencia, á vaidade imbecil, á desmoralisação militar, á cegueira criminosa do segundo império.

A França e a Alemanha olham-se, como dois inimigos terríveis e poderosos, que hão de lutar um dia, ficando um d'elles no campo. Tem de ser fatal... Da proxima guerra entre francezes e allemães, um dos dois paizes ha de ficar aniquillado para mais de um século. Os dois paizes preparam-se igualmente para essa luta, que lembram duello á pistola que só pode cessar quando um dos adversarios ficar impossibilitado para fazer fogo. Esta guerra pode rebentar amanhã, pode só rebentar d'aqui a dez annos. Mas tem de ser. Os paizes são como os homens: é necessario satisfazer, apagar certos odios, e odios só se apagam lutando. A luta é pois inevitavel.

Mas o que é a honra da França, é que sob este horroroso pesadelo em que vivem os dois paizes, sob esta preocupação constante de armamentos que absorve a atenção dos dois paizes e arruína as suas finanças, a Alemanha só tem tempo para se occupar de militarismo, omquanto que a França — além de militarismo — ainda tem tempo, coragem, actividade, genio e dinheiro, para fazer em dois annos esta Exposição que a todos assombra.

É que em França sente-se a mesma generosidade, a mesma grandeza d'alma, o mesmo divino e glorioso *quixotismo* que animaram a Italia da Renascença, a Hespanha e o Portugal das descobertas. É que em França ainda se soffre por uma chimera, ainda se morre pela Gloria...

E é por isso que nós todos escriptores, nós todos que correspondemos com o publico, o devemos aconselhar a que repella alianças funestas com povos que não são da nossa raça — e que se aproxime cada vez mais dos nossos irmãos francezes, porque talvez não esteja longe o dia em que nos precisamos unir, para fazermos respeitar as nossas nacionalidades, contra alguma invasão dos barbaros do Norte!...

MARIANO PINA.



A ILUSTRAÇÃO

E A EXPOSIÇÃO DE PARIS

COM o presente numero a ILUSTRAÇÃO continua a serie das suas gravuras acerca d'esta famosa Exposição que está despertando a curiosidade do mundo inteiro, e que será um dos mais extraordinarios acontecimentos do nosso século.

Publicamos ainda hoje algumas gravuras reproduzindo os ultimos trabalhos de instalação no Campo de Marte, e na esplanada dos Invalidos. Ao lado d'estas, duas gravuras allusivas á abertura da Exposição e ás illuminações do 6 de maio, nos jardins do Campo de Marte.

D'aqui por diante vamos publicar gravuras reproduzindo as maravilhas das diferentes secções artisticas, scientificas e industriaes. Os nossos leitores passarão assim em revista as principaes galerias da Exposição, e ficarão com o mais bello album de gravuras que possa apparecer em lingua portugueza.

Mas desde já lhe chamamos a attenção para uma outra IMMENSE GRAVURA que hade occupar quatro paginas da nossa ILUSTRAÇÃO, representando uma vista geral da Exposição colonial, situada na esplanada dos Invalidos.

Esta Exposição das colonias é um dos lados maravilhosos da actual Exposição de Paris. A nossa grande gravura apparecerá n'um dos proximos numeros da ILUSTRAÇÃO.

Lembramos aos compradores avulso da ILUSTRAÇÃO, que dos ultimos numeros exgotados não fazemos reimpressão; e que para não correrem o risco de não encontrarem numeros á venda nas livrarias, o mais commo é mandarem os seus nomes aos nossos agentes, para que os considerem como assignantes.

Só assim terão garantidos os seus numeros, e só assim a nossa Empresa poderá de futuro responder a todos os pedidos, apesar de termos augmentado a tiragem do nosso jornal de mais 5.000 EXEMPLARES por cada numero!...

AS NOSSAS GRAVURAS

ABERTURA DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL...
AS ILLUMINAÇÕES.

A FESTA da inauguração da Exposição foi uma das mais brilhantes e mais bellas que se tem realtado estes ultimos annos em Paris.

Aceremonia da inauguração official realisou-se na grandiosa sala que fica debaixo do zimbório central. O Presidente da Republica foi recebido no meio d'uma calorosa ovacão, ao som da marilheza executada por cinco bandas militares.

Estavam presentes mais de 2.000 convidados. O sr. Carnot proferiu um notavel discurso. Findo aquelle acto, o Presidente da Republica seguiu d'um numero seguinte vizitou algumas secções francezas, o Palacio das Machinas, as secções dos Estados da America do sul, que tomam parte offe almente na Exposição. Depois d'um lunch que lhe foi offerecido no palacio das bellas-arts, foi visitar a exposição agricola e horticola no ches d'Orsay, e em seguida a exposição das colonias francezas na esplanada dos Invalidos, demorando-se muito tempo na secção argelina.

Tanto no ches d'Orsay como na praça da Concordia, a immensa multidão mudou a sahida o sr. Carnot com um enthusiasmo indescriptivel. O Presidente recolheu-se ao Elysée pelas seis horas da tarde, tendo sido aclamado pelo povo em todas as ruas do transitio.

As illuminações á noite, em toda a cidade, foram esplendidas. Mas onde especialmente attingiram o maravilhoso, foi no recinto da Exposição.

Uma multidão enorme passou toda a noite na Praça da Concordia e á beira dos ches, desde a ilha St. Louis até Grenelle, para presenciar a festa veneziana e as magnificas illuminações no Sene. Foram queimados tres fogos de artifício, sendo brilhantissimo o seu resultado. A soirée terminou com o esbranceamento da torre Eiffel, por meio de fogos de bengala, o que causou admiração geral.

Como os leitores veem pela nossa gravura dos jardins do Campo de Marte, os jactos d'agua illuminaçados por luz electrica produziram o melhor resultado. Ao fundo vemos o zimbório central a pontear de luz intensissima!

A multidão é enorme. Mais de 200.000 pessoas affluiram n'esse dia ao Campo de Marte e Esplanada dos Invalidos.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL...
OS VIDRAGEIROS E PINTORES
TRABALHANDO NA FACHADA DO
ZIMBÓRIO CENTRAL DA EXPOSIÇÃO.

A gravura que publicamos com este titulo é executada durante a ultima semana dos trabalhos, nas ante-vesperas da Exposição. Ha uma onda de operarios d'um lado ao outro ao Campo de Marte e da Esplanada dos Invalidos. Todos procuram finalizar, o mais depressa possivel, os trabalhos mais urgentes e mais importantes.

Aqui vemos os vidraceiros e pintores sobre os andaimes que cercam o zimbório central — esse bello trecho d'architectura, do mais fino gosto e da mais apurada arte. N'um dos numeros passados da nossa revista, já apresentamos aos leitores a fachada inteira do zimbório, debaixo do qual M. Carnot, Presidente da Republica, abriu no dia 6 do maio corrente a Exposição, ao som dos hymnos de cinco bandas regimentaes e entre as aclamações de 20.000 convidados.

O desenho de Vierge é originalissimo, e é mais uma prova da elegante maneira d'este infelix e magnifico artista.

Continuaremos a serie das nossas gravuras.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL... — OS TRABALHOS
DOS PINTORES DECORADORES.

Mais outro delicioso trecho dos trabalhos executados na ultima semana, dias antes da inauguração solemne.

Achamo-nos no centro d'uma das galerias. A luz do sol flameja, dardelando os seus raios cortantes

através dos vidros que cobrem a galeria. E é na brancura do pleno meio-dia que Vierge — o brilhante artista — ponde apanhar o *croquis* que hoje offerecemos aos nossos leitores e com que augmentamos a serio interessante das nossas gravuras sobre a Exposição Universal de Paris.

Os pintores decoradores fizeram verdadeiras maravilhas nas principaes secções da Exposição — Palacio das Bellas Artes e das Artes Liberaes e todos os pavilhões coloniales e ultramarinos da Esplanada dos Invalidos.

A pintura decorativa encontra-se hoje n'um grande adiantamento em França. E na Exposição podemos examinar bem o estado actual em que ella hoje se acha n'este grande paiz d'iniciativa e de trabalho que se chama a França.

Pela nossa gravura podem ajuizar os leitores o movimento que vae ao longo das vastas galerias, em plena actividade.

Hoje a maior parte d'esses trabalhos estão completos, porque a Exposição está quasi inteiramente montada e instalada.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL... — OS ANNAMITAS
TRABALHANDO NA ESPLANADA DOS INVALIDOS.

Como os nossos leitores veem, não nos poupamos a sacrificios para lhes dar as gravuras de maior sensação, as mais curiosas e as mais pittorescas da Exposição Universal de Paris.

Hoje offerecemos aos leitores da ILUSTRAÇÃO mais outro trecho original e delicioso, um *croquis* apanhado em flagrante, dos annamitas trabalhando no famoso pavilhão que elles acabaram de construir na Esplanada dos Invalidos. Ali os vemos a dispor as cores e os vernizes nos vazos e nos monstros que devem figurar na Exposição especial do imperador d'Annam, — um soberano exotico.

Os annamitas tem sido uma das maiores curiosidades do publico que visita a grandiosa Exposição. Esses artistas obscuros e extraordinarios fazem por vezes verdadeiras creações do mais requintado gosto. Os motivos de decoração são excentricos, mas agradam pelos surprehendentes effeitos que produzem.

Em breve continuaremos a dar na serie das nossas gravuras outras curiosidades exoticas da Exposição, pavilhões japozezes, aldeias indianas, pagodes chinezes, etc., etc.

Promettimos offerecer aos nossos leitores a mais completa e a mais bella reportagem artistica da Exposição de Paris; e queremos cumprir a nossa palavra. Como até hoje temos demonstrado, e a ILUSTRAÇÃO a unica revista portugueza em condições de saciar a curiosidade do publico portuguez e brasileiro, sobre as bellezas e as maravilhas da actual Exposição de Paris, — ponto unico para onde est hoje voltada toda a attenção do velho e novo mundo.

O SALON DE PARIS DE 1889.

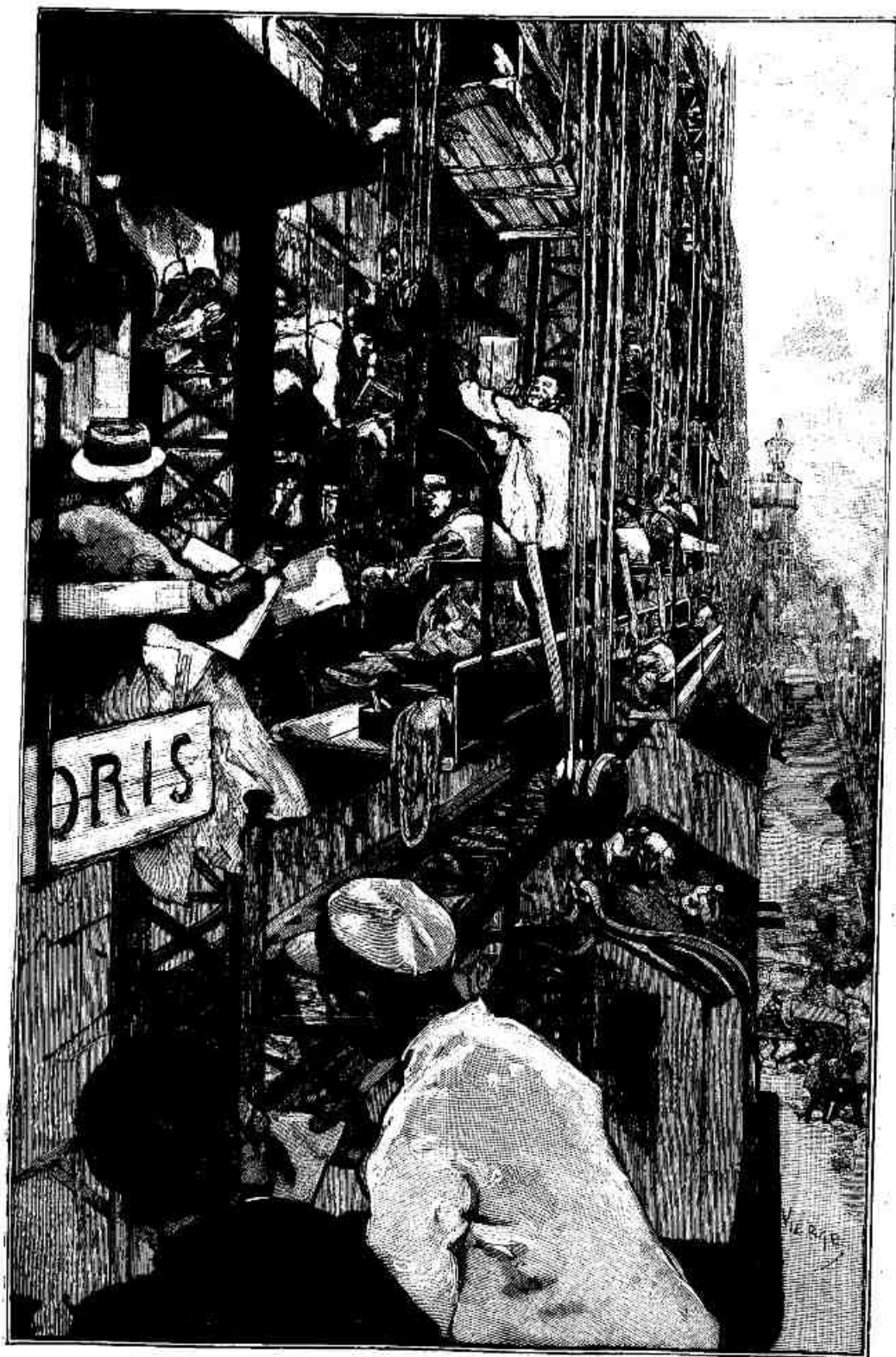
A ILUSTRAÇÃO não pode hoje, como nos annos anteriores sempre o tem feito, destinar um largo espaço a todas as bellas obras d'arte que encerra o Salon de Paris de 1889.

Temos que consagrar toda a nossa attenção á maravilhosa Exposição universal e internacional do Campo de Marte; e temos de pôr o publico portuguez e brasileiro ao corrente de quantas coisas admiraveis encerram essas galerias monumentaes que estão sendo o assombro de todos quantos desembarcam em Paris.

É por isso que nos vemos forçados — de tal modo o assumpto abunda — a destinar por agora menos espaço na ILUSTRAÇÃO a gravuras reproduzindo os melhores quadros e esculpturas do Salon actual. Mas como essas reproduções não perdem a actualidade, nós as faremos apparecer a seu tempo, no numero de 89-90, quando a Exposição Universal tiver fachoado, e quando aos nossos leitores se der melhor repouso a vista em simples obras d'arte.

Agora o essencial é satisfazer á grande curiosidade, — dar o maior numero de gravuras todas allusivas á Exposição.

Mas não resistimos ao prazer de hoje reproduzir um adoravel quadro do sr. Emilio Renard — o *Baptismo* — quadro que é tratado com aquella reverencia e aquella critica de que hoje em dia se parecem ter o segredo, em quadros de genero, os pintores da escola franceza.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — Os trabalhadores e mercadores trabalhando na fachada do zimbório central da Exposição.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS TRABALHOS DOS PINTORES DECORADORES.

Precisa por acaso de explicações, essa scena do Baptismo que nós todos conhecemos?...

O que nos parece necessario notar aos nossos leitores é que a gravura em madeira que reproduz o quadro do sr. Renard, traz a assignatura de Ch. Baudé, o grande gravador parisiense; — e que a Illustração é o unico jornal em lingua portugueza que tem o direito que pode publicar os trabalhos d'este notavel artista.

De resto, é devido a este e a outros illustres colaboradores, que a Illustração pôde attingir o grau de reputação que hoje possui em Portugal e Brazil, como sendo a unica publicação artistica, na larga accepção da palavra, que se publica em lingua portugueza.

O ATTENTADO CONTRA O PRESIDENTE DA REPUBLICA.

Este incidente desagradavel — deu-se no dia da festa do Centenario, na occasião em que o sr. Carnot se dirigia para Versalhes. O Presidente saiu do palacio do Elyseu por volta do meio dia. Vinha n'uma carroçagem a Diamond, acompanhado pelo presidente do conselho e dois officiaes as ordens. As carroçagens dos ministros seguiam o carro presidencial. O prestito abriu com um esquadro de con-raceiros.

No momento em que o cortejo dava a volta, á esquina da Avenida Marigny, ouve-se uma detonação. Era um tiro de revolver dado contra o carro do Presidente. O author do attentado, um tal Perrin, a custo sahiu das mãos do povo. A sava que apanhou foi enorme. A policia empregou todos os esforços para o proteger, mas ainda assim o criminoso chegou ao commissariado com a cabeça ensanguentada, sem chapéu e com o corpo molido de bengaladas.

Publicamos duas interessantes gravuras sobre este incidente: Na primeira vemos Perrin apontando o revolver contra a portinhola do carro onde via o Presidente; e na segunda vemos a policia protegendo o assassino contra as iras do povo. Perrin declarou depois que não queria fazer mal ao Presidente, e só pretendia chamar a attenção publica sobre as injustiças de que era victima. Julga-se que é mais um alienado como tantos outros que tem disparado tiros de revolver contra os ministros.

MARITIMA

Tranquillo o mar, Da borda do paquete
Passo a vista pelos horizontes;
E deixo d'um ceo azul ferrete
Esfumam-se na bruma, ao longe, uns montes.

Terra! Gritaram fortes os gaiteiros.
Enroscou-se o velame em curvas dobras.
O helice estremece. Os marinheiros
Andam na faina ardente das manobras.

Azul no ceu — que quietação sublime!
Azul no mar — que movimento estranho!
No entanto o barco onde o vapor se opprime
Deixa nas ondas um espumeo lanko.

E' meio dia. Anima-se o convez
N'uma enorme conversa polyglotta;
E sobre os mastros, uma ou outra vez
Esvaçando, paira uma gavota.

Oh! louco e velho mar, sempre a estorcer-te
N'essa eterna e phantastica hysteria!
Suspende por um pouco. Eu quero ler-te
A epopeia da minha nostalgia.

Hei de contar-te as pueris lembranças
Que ainda conservo da casita esparta,
Onde eu brinquei e ri, como as crianças
Que saltam e se riem na cobertura.

Ando a scismar na esvelta miss Pava
Que hontem notei, tão regamente fria,
O vago olhar azul sobre a cestura,
— O vago olhar azul que me extasia.

N'este momento exhibem-se a meu lado
Passageiros de todas as nações:
Françezes de binoculo assestado
E velhas ladies, vendo Illustrações.

A miss! Quem será?... Fez-me sahir
Desta apathia, o espadamar d'um via:
Para o convez acabam de subir
Duas senhoras, pallidas do enjoo.

II

A' noite agora quasi sempre eu ando
Sósinho, a vaguetar na escuridão;
E ouço vibrar, em berros de commando,
Junto da proa, a voz do capitão.

N'uma d'estas viagens em que gosto
De aproveitar as noites da jornada,
Senti um profundissimo desgosto,
Vibraram-me na alma uma facada.

Fui encontrar a miss car de opala,
Sorrindo meigamente entre peixas;
E, ao lado, enternecido, a beijal-a,
Um maricheiro bruto, de suissas!

Columba, 1884.

AGOSTINHO CAMPOS.



O CEGO DE GUARDIAM

LUGO que expirou o cunhado, José Domingues cahiu n'um acimar atormentado. Só elle comprehendia a grande desgraça que n'esse dia entrara na casa de sua irmã, pobre mãe de cinco filhos, que tinha para os sustentur, unicamente uma roca. Lembrou-se de os trazer todos para onde a si; mas como poderiam viver tantas pessoas com duas pipas de vinho e um carro de pão? A pensar n'isto se consumia o pobre José Domingues, e aquelles olhos cegos desde tenra infancia, estavam grossos como punhos de tanto que tinham chorado. Até perdiera o gosto á rebeca, prenda que seu tio frade lhe deixára, juntamente com as tertias de que vivia. A comida entrava-lhe na bocca só á força, depois de muito o upoquentarem. Como toda a gente o estimava em Guardiam, iam alli pela eira pessoas conversar com elle, dando-lhe consolações e conselhos, coisas de pouca valia, pois não produzião alimento para os sobrinhos. O seu amigo Miguel Tinta, trouxe o violão uma noite, para lhe acompanhar a rebeca; porem o cego é que não estava para tocar.

— Que queres, não posso. Tenho aqui um peso de seiscentas arrobas — rematou arrepanhado o coração.

Mas como algumas raparigas, com o fim caridoso de o tirarem d'aquelle malocar, lhe pediram insistentemente, José Domingues tocou umas musicas tristes, muito populares e queridas d'aquella gente. Foi n'essa occasião, que o Miguel, sentindo o cerebro illuminado por uma ideia, disse com enthusiasmo:

— Ouve lá. E se nós fôssemos por ahi abaixo amboz! Não se ganharia alguma coisa?

Todas as pessoas presentes acreditaram que sim e applaudiram com estrepito a lembrança. Só o rabequista não tinha grande fé, pois disse:

— O que, a tocar? Uh!...

— Hade haver muito quem vos queira ouvir. Tentur fortuna é sempre bom propheticou emphaticamente Zé Maximo, o barbeiro.

Resolveram-no logo alli. Os dois mais interessados planejaram a coisa detalhadamente, mencionando as terras que percorreriam e as musicas que haviam de escolher. Uma manhã

de primavera, partiram com o sol rubro no horizonte. Andaram por fóra alguns mezes e quando volveram vinham satisfeitos, porque traziam um bom par de moedas na algebeira. Foi uma alegria para aquella gente, mormente para José Domingues, que ao entregar o dinheiro á irmã pulava de contente, com os sobrinhos todos em volta a agarrarem-se-lhe ás pernas. No forte das suas expansões, o cego, planeava uma vida d'abundancia: queria que se comprasse um porco para matar n'esse anno e mais um báculo, para o seguinte.

— N'esta casa! — com seicentos diabos! — hade tornar a haver salgadeira e fumeiro, como antigamente — affirmou.

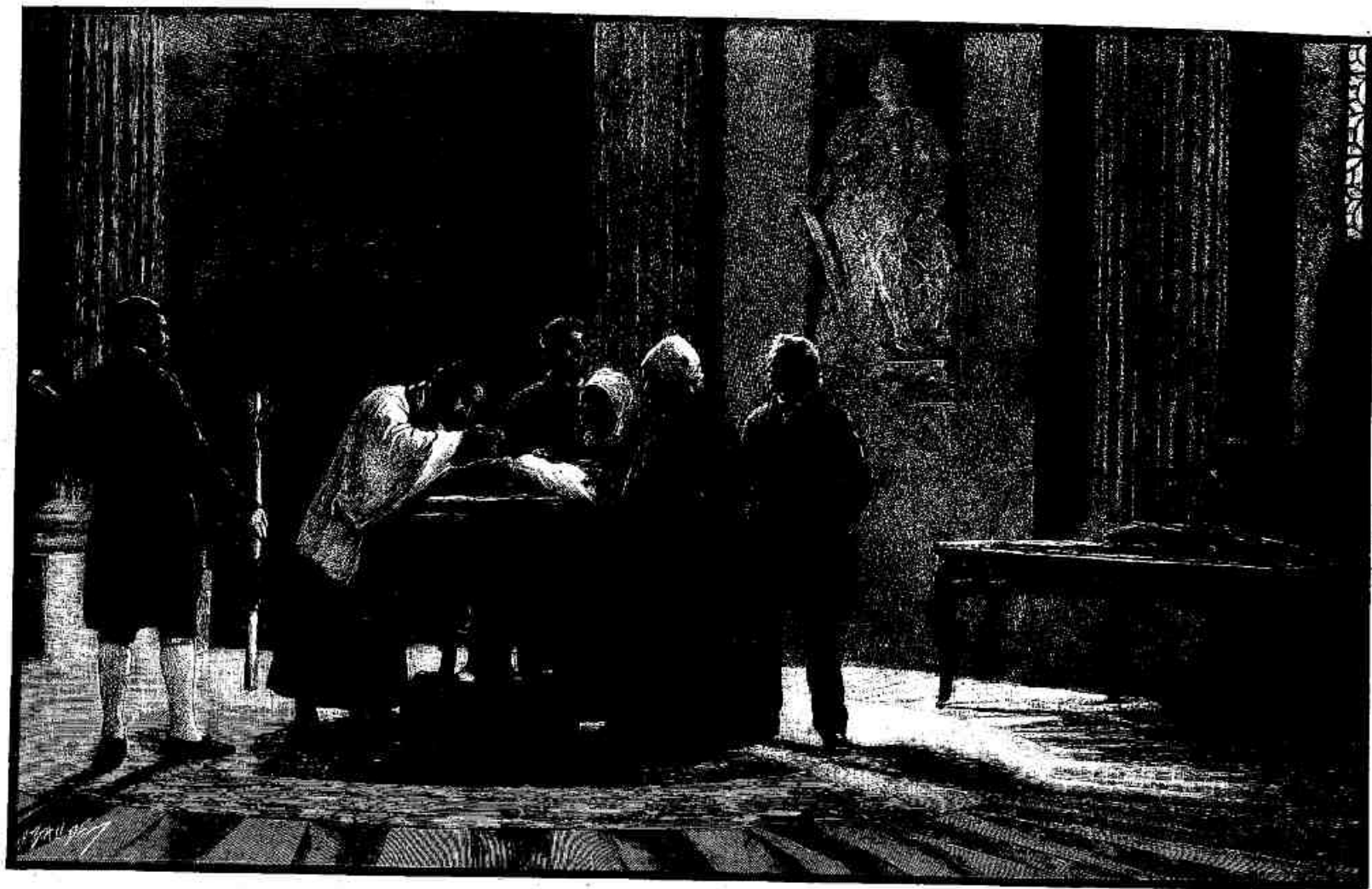
Foi este o começo da vida de tocador de rebeca, que tão popular fez o cego de Guardiam, em toda a provincia do Minho.

O seu nome chegou mesmo á cidade do Porto. Quem fallasse no ceguinho designava logo José Domingues. A expressão persuasiva e bondosa do seu rosto tornava-o atrahente e querido. Ou tocando a chorosa rebeca, ou a cantar modas alegres, ou a gracejar com as raparigas, era sempre comedido e delicado; por forma a ser cubizada a sua presença. De todos os cegos pedintes e trovadores, só elle gozava de verdadeira sympathia. Chamavam-no a muitas casas para o ouvir e, alem da paga, offereciam-lhe vinho e marmelada. Tambem elle não se parecia com nenhum d'esses tocadores de sanfona, lamorientos e porcos. Sempre limpinho: — vestido de briche; camisa lavada; botas de cano, toscas e fortes; a mão apoiada no hombro do companheiro; o extinto olhar voltado para o sol; assim percorria a provincia. Tinha o seu orgulho d'artista e de pequeno proprietario — nunca exaltou ou fingiu miseria e necessidades para provocar compaixão. Aceitava o que lhe dessem, fosse muito fosse pouco, agradecendo tudo com um sorriso. O que ambicionava principalmente era que o escutassem com religião e amor. Se havia pelas janellas senhoras formosas, em quem presumisse melhor comprehensão da musica, o Miguel advertia-o; pois que n'essas circumstancias, o arco de José Domingues, tinha movimentos expressivos, alma entusiasta, e coração de poeta.

Que ideia faria elle da formosura!...

Fora tão cedo, logo no começo da infancia, que perdera a vista!... As suas recordações não podiam deixar de ser pedações de mundo dispersas, mal definidos, impressões fugitivas, como as da luz no pôr do sol. Contudo na vida e larga imaginação, era certo que lhe esvoaçavam encantadoras imagens. A meigulce do sorriso, a bravura da expressão em certos momentos, fazem-no presumir. Quando acreditava que a sua alma, a sua rebeca, estava fazendo palpar algum coração de mulher, o rosto boxigoso e feio animava-se-lhe triumphantemente, como uma aurora. Parecia que tinha um resplendor, que respirava n'um circulo de luz propria. E porque elle instinctivamente calculava que aquella expansão de sensibilidade que lhe vibrava nos proprios nervos, corresponderiam outros effluvis em nervos mais delicados. E a potente voz da arte embravecia-lhe a natureza cheia de candura, transformando o humilde cego, n'um ente dominador e altivo. A proximidade da mulher, a sua inflexão meiga e dolente, amansava d'um modo absoluto, qualquer aspereza deste homem, que nunca lhe padera calcular a pureza das linhas. Talvez isto fosse por conhecer a dolorosa historia de seu tio frade, que morto aos septenta annos, conservára até á ultima, o amor d'uma imagem extincta, evocando-a aos sons da mesma rebeca, que José Domingues tocava!

Esse tio egresso fóra o seu educador e o seu



SALON DE PARIS DE 1889. — O BAPTISMO. — QUADRO DE EMILIO RENARD.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — AS ILUMINAÇÕES NO CAMPO DE MARTE, NA NOITE DA ABERTURA DA EXPOSIÇÃO.

amigo. Homem de viver em si, conhecendo a musica e as letras, ensina-o a tocar, e transmitira-lhe a alma que possuía. A doce affabilidade de convivência com esse bom velho, introduzira-lhe no coração sentimentos preciosos de humildade. Desprezar os bens terrenos, para se confortar nos gozos interiores, fôra o que esse obscuro evangelista sempre lhe aconselhara, como meio de se oppor à desgraça e soffrer com valor as agruras do mundo. Por isso, elle acceitou em toda a conformidade, esta vida de tocador ambulante, por mais que ella fosse contraria, ao seu quietismo aldeão. Ainda assim tinha a impellir-o n'este vagabundear de terra em terra, o seu caracter impressionavel d'artista. O fanatismo com que todos o ouviam em Guardiam, em Refuinho, e n'outros lugares, por vezes lhe levantára as ambições e sonhára com publico mais numeroso e selecto. Porém nunca pensara em sahir da sua aldeia, e do adão da igreja, onde nos domingos, depois da missa conventual, até o abbade parava a ouvil-o. A donzella abandonada, o Marinheiro e o Cão fiel eram algumas das poucas cantigas que n'esse tempo conhecia. Expressava-as com tal sentimento e candura, que era frequente perceber-se o choro d'algum coração de rapariga enamorado e sensível, que encontrava nas palavras da canção qualquer lembrança pungente. Então o José Domingues, que era gatheiro dizia:

— Quem diabo está ahí a fungar, a rir-se da minha rabeca? Anda cá menina que elles não te entendem!

E heijava-a repetidas vezes, balouçando-a contra o seio, acariciando-a como terna mãe acaricia um filho. Isto dava sempre bom effeito, alegrava os ouvintes, tornava-os communicativos e contentes. Para que todos bailassem, o cego tocava-lhes a *Canninha verde*, a *Maria Cachucha*, o *Afastei janota, arrede*, e os rapazes acercavam-se das raparigas, formando logo a roda.

Se o Carvalhosa presenciava, nunca deixou de dizer com sorriso de consentimento e um dedo no ar:

— Moços! juízo, ouviram? Muito juizinho.

Agora que andava de terra em terra, a força de sympathia e atracção do José Domingues dilatou-se por muita gente. A sua pequena estatura, a magreza do corpo, a expressão terna, o olhar fixo e indefinido sempre voltado para a luz, a delicadeza natural e a suavidade das suas fallas, a inspiração muitas vezes caudalosa e atormentada da sua rabeca... tudo se fixou na imaginação collectiva, com traços vigorosos e duradouros. Elle é que levava pelo mundo a sua fama. Todas as terras o estimavam e queriam a ponto de se fallar com antecedência da vinda do cego de Guardiam, que tinha epochas determinadas e fixas, para os diversos pontos de provincia. Se tardava uma semana, isso era logo motivo de reparo. Preocupavam-se com a ideia de que estivesse doente e nem queriam suppor que tivesse morrido. O seu aparecimento era considerado como o das aves cantoras na primavera, que preannunciavam os bons dias e as flores. Por isso era recebido com verdadeira satisfação este portador de novas canções e, principalmente as raparigas do povo, saudavam-no com alegria espontanea e sincera. Parava a conversar com pessoas de diversas cathedrias, e sempre lhes narrava coisas novas em que as interessava pela simplicidade da sua palavra.

Essas jornadas, pelos ensombrados caminhos da provincia, começava-as no principio d'abril, quando os pampanos rebentam e parecem olhos de sayros arir de todo o mundo. O inverno passava em casa, junto do lar crepitante, no meio dos sobrinhos, que lhe enchiam a alma de gozos paternos. Havia magustos com estoios de castanhas e o bom rascante, colhido nas videiras que lhe legara o tio frade. Havia a motanção

do porco e a consoada, que eram festas salutarres e huihentas. A neve embranquecia os montes sobranceiros, a rispida nordada esfuizava, das lufadas, pelo valle. Era preciso cada qual acercar-se da fogueira para assim ludibriar a furia dos elementos, que zombetavam cá fora. José Domingues com a sua modestia bem provida do necessario, dizia aos sobrinhos, quando tinham medo do trovão!

— Deixa lá, é a musica do pae do céu.

— Gosto mais da rabeca do tio Zé. A musica do pae do céu, não presta — observou um do oito unhos.

— É zabumba — considerou philosophicamente outro de menos idade.

A primavera fazia-o sahir de Guardiam acompanhado do Miguel. Tinha um jumento para levar o vestuario e o presagio dos primeiros dias. Durante as chuvas, como os pintasilgos, tinha a voz amortecida. Só a fragancia do ar tepido e balsamico o fazia cantar. Sentia, como os que tem bons olhos, que a natureza se subtilizava para a festa grande da criação. No fermentar estrondoso das sementes que rebentam, estava a sua paisagem florida. As canções d'esta epocha, o *Regadinho*, o *Pintalhão*, eram vivas, travessas e maliciosas. As de outono eram melancolicas, arrastadas e doentes, sentindo-se no arco da sua rabeca certa preguiça, e o sentimento das vozes ternas, que vem de longe pelas corgas dos montes. Havia n'esses cantos, notas flutuantes que pareciam folhas amarelletas vaguando no ar, impellidas pelo rigido nordeste. Se na volta d'um caminho percebia alguma cantiga soada de pinheiral rufuroso, parava escutando e, ás vezes, rebentavam-lhe lagrimas. Aproximava-se o tempo de recolher a casa, as consoações da familia. Lá voltavam a Guardiam com a imaginação cheia de lembranças alegres. No logar era festivamente celebrada a sua volta e, rindo e chorando José Domingues abraçava com effusão e verdadeiro, prazer todos que se lhe aproximavam. Dançava, pulava, atirava o chapéu ao ar, como uma creança!

E que se sentia entre corações d'amigos.

N'um d'esses períodos d'inverno, que passara junto dos seus, ouviu ler na gazeta que o padre Carvalhosa emprestava ao mestre-escola de Guardiam, que estava em Lisboa e talvez viesse ao Porto e a Braga, um rabequista celebre a quem chamavam pomposamente o « primeiro violinista do mundo ».

— Olhem que não tocará melhor que o nosso José Domingues — affirmou entusiasta e patrioticamente o professor.

— Ora, senhor José Fortunato, nem diga isso. Eu, um pobre estúpido, posso lá!... — respondeu com modo agradecido.

— Deixa-te de tolices, homem. Olha que eu com os sessenta e cinco que já conto, nunca ouvi como Frei Gonzalo. E já fui uma vez a Lisboa, com o fidalgo de Refuinho, quando elle era vivo.

— Lá, isso, maior que meu tio, não acredito que haja. Devo-lhe a alma que tenho — confessou commovido.

José Fortunato ainda acrescentou:

— Olha que lá as meninas (as de Refuinho) estiveram no Porto com o tio general. Presenciam por lá grandes coisas e disseram-me que antes queriam ouvir o José Domingues.

— Isso são umas santinhas. Eu sou um pobre cego, não sei nada, senhor José Fortunato.

— Não sabes nada? Sabes tudo, tens d'isto! — rematou o mestre-escola, batendo uma punhada sobre o coração.

O mais velho dos sobrinhos do cego, comprehendendo tudo pelo instincto, atirou a carapuça ao telhado, gritando:

— Viva o tio Zé Domingues e a sua rabeca!

— Viva! viva! acompanharam os outros.

Mas o rabequista, ficou a scismar no que seria essa maravilha tão apregoadada pela gazeta. Que poder, que atracção teria no seu arco, esse homem que era superior a todos os que havia no mundo! Na sua mente ingenua, apresentou-se logo uma figura aureolada de sol, dominando a multidão dos admiradores que applaudiam. Um publico de fidalgos e mulheres ricas é bem differente do seu, que era rude e casual. Haveria frago de enthusiasmo, comprehensão vasta n'esse theatro em que as luzes faziam sobresahir a opulencia. A apothecose alargava-se até aos confins da terra e o artista levantava-se ás nuvens... A alma calorosa do cego de Guardiam, sentia-se enebriada com esse imaginado triumpho, a commoção manifestava-se nas lagrimas que lhe apontavam. E batendo uma palmada no joelho disse com resolução:

— Pois ainda não hei de morrer sem ouvir uma coisa d'estas!

N'esse momento chegou o Miguel Tinto a quem perguntou:

— Queres tu ir comigo a Braga ouvir o tal homem? Talvez se lhe possa tirar alguma coisa.

Sempre fora esse o seu processo d'aprender e progredir. Musica que ouvisse logo lhe ficava. Tinha no Porto e em Braga, quem lhe arranjasse versos appropriados. As vezes mesmo, lhe ministravam musica e letra, o que valia oiro sobre azul. Entrava em todas as igrejas onde ouvisse tocar o orgão e era assíduo perto das bandas militares, quando soubesse que tocavam em publico. Se qualquer musica lhe calhava, elle e o Miguel tractavam logo de lhe applicar versos dos que sahiem e assim chegaram a popularisar canções, como aconteceu aquella que principiava:

Veja lá menina
Se levanta a sala

a qual toda a provincia decorou. Algumas vezes aconteceu aristocratisarem-se as suas modas até chegarem ás salas de provincia, e então José Domingues ouvindo-as celebradas em piano dizia com orgulho:

— Vê lá Miguel. Aquella trouxemol-a nós.

A noticia que ouvira ler na gazeta do padre Carvalhosa, sobresaltou-lhe o coração, cheio de enthusiasmo pela musica. Era rigoroso dezembro; o frio enregelava as carnes; as neves cobriam os montes; o céu, estucado de nuvens cõr de lama, tinha uma immobilitude sombria. Os caminhos estavam intransitaveis; muita gente lhe aconselhava a não fazer a jornada; mas elle, logo que soube que o afamado rabequista chegara a Braga, resolveu o Miguel e partiram. Era como uma peregrinação religiosa. De tempos a tempos, José Domingues soltava seus ais admirativos e dizia para o companheiro:

— Mas como será este home, que é o primeiro rabequista do mundo?

Miguel observou scepticamente:

— Quem sabe lá! Isto de gazetas, consentem o que lhe põem.

— Não, não. Deve ser coisa de respeito! — considerou absorvido na sua ideia.

Logo á entrada da cidade, perto da igreja de S. Vicente, procuraram um estudante de Guardiam, com o fim de lhe pedirem esclarecimentos. Souberam que tudo quanto se dizia era verdade, que o senhor arcebispo, tendo escrupulos de ir ao theatro, convidára o famoso artista para tocar n'essa noite no Paço. O estrangeiro accedera, para conquistar as sympathias do prelado e do publico.

O senhor Joãozinho — supplicou José Domingues — eu queria ouvil-o. Não me poderá arranjar um buraco no palacio do senhor arcebispo? Eu arrumo-me em qualquer parte. Um buraco que seja, menino!

Não foi difícil obter esta íntima posição. O estudante era amigo d'um famulo de sua excelência, o qual pôde esconder o cego n'um vão de escada, próximo do lugar onde se realizaria o concerto. José Dominguez levou consigo a rabeca, pois desejava apertá-la sobre o peito para melhor compreender a musica. Tiveram de o introduzir de dia, n'um momento conveniente para não ser presenciado. Durante umas seis horas, esperou que chegasse o instante. Encolhido, quieto, respirando brandamente para não dar rumor de si, ali se conservou. Perto da noite, accommeteu-o uma sede furiosa, que supportou heróicamente, sem o menor arrependimento.

O famulo que alli o introduzira, veio n'uma furtiva pergunta-lhe se estava bem, e o cego respondeu agradecido:

— Ricamente, meu senhor. Só tenho uma sede!

Satisfeita esta necessidade ficou n'um paralisia. Momentos depois entrava tudo quanto havia de selecto na sociedade bracarense. A alta clerezia apresentou as suas famílias respeitáveis. O general, o governador civil, o commandante do 8.º, o juiz de direito, administrador do concelho, delegado, professores do lyceu, trouxeram suas esposas e filhas. Ondulava um murmuro de vozes e de sedas, e José Dominguez ouvia pronunciar nomes consagrados, que toda a vida respeitara humildemente. Isto augmentou no seu espirito o valor d'aquella festa, tornando-a imponente. Era um deslumbramento e um ceu aberto o que principiava a despenhar na sua imaginação. Agarrado á sua rabeca, apertando-a contra o seio, estremeceu-a como se fora um ente animado, estava commovido. Ia-se verificar a apothecose d'um seu irmão, e elle identificava-se com a gloria do artista que não conhecia. Entrou o prelado. O cego deu conta d'esse facto pelo recuar de cadeiras e pelos cumprimentos. Pouco depois chega o rabecista e a curiosidade da parte dos assistentes produziu um sussurro maior, que immediatamente se calou, regulando-se um silencio de mar que se esbate sobre a areia.

Logo que os primeiros sons de rabeca encheram a sala, a alma de José Dominguez sentiu-se arrebatada para um horizonte largo. Dos seus olhos sem vista, irradiaram fulgurações d'uma belleza sideral. Erguendo-se no amplo espaço com a pujança d'um crente, a sua imaginação livre, vagueou na largura sem fim, n'um redemoinho d'harmonias, que o impelliam como ligeiro farrapo de nuvem. Toda a miseria terrena desaparecera para elle. Não estava n'um beraco, como cão desprezível, socio e companheiro de ratos: aos seus olhos apparecia um amplo salão, ornamentado de riquezas e de mulheres formosas. Esqueceu-lhe o ronco uivar do vento sobre a telha vã da sua pobre casa, os caminhos entameados e cheios de poças, os encontros por vezes desagradáveis da sua vida do tocador.

Quando a rabeca tinha momentos alegres, extravagantes, bulliciosos, José Dominguez ia indo n'aquella toada e vinham-lhe á mente coisas loucas e pueris: dançava em volta d'uma fogueira, abraçava as raparigas que lhe fugiam aos gritos, ouvia repiques de sinos, e ao longe, a multidão festiva passava para a romaria. Se era adolencia das musicas hespanholas, estranhadas de sentimento arabe, exproando-se brandamente, como as musas aguss do Mediterraneo, os seus nervos sentiam uma paz infinita, quasi um torpor. A visão paradisíaca d'uma primavera só formada de cantos de passaros e de perfumes d'ervas e de flores, como elle a contemplava n'esses momentos, era mais intensamente bella do que a paisagem das amendoeliras e dos campos cheios de trevo e de malmequeres brancos.

Mas o seu pendor, a tendencia da sua alma, era para todos os trechos lacrimosos, d'uma

plangencia terna que se abrissem largamente em espaços constellados. Não valiam tanto os rouxinoes e os melros no meio silencioso das matas, e o rio marmureoso leadeado de choupos. Corriam-lhe em fio as lagrimas e apesar dos applausos dos ouvintes, José Dominguez sentia que elles não comprehendiam bem aquella musica. Se elle podesse, entraria de joelhos na sala, para beijar os pés do grande artista mostrando-lhe a sua admiração, n'um choro copioso e entusiasta! Rastejar pela terra como humilde verme, era o modo que a sua rudeza achava bastante expressivo, para glorificar aquelle seu irmão. Porque não procediam assim esses homens que o ouviam? Vinham-lhe suffocações de colera contra os que se não levantavam em extasis d'um enthusiasmo viril e ardente como o seu. E que não tinham alma para sentir. Elle humilde, obscuro, rude, apertado entre as paredes d'aquella burca, era-lhes superior, comprehendia o que elles não podiam comprehendêr, tinha em si um thesouro, que nem todos os thesouros da terra podiam egualar. Vibravam-lhe no cerebro os echos d'aquella musica, a sua commoção era grande, os soluços que não podia evitar apanhava-os nas mãos para não serem percebidos, com medo de perturbar aquella musica celestial!

Todos estes sentimentos augmentaram de intensidade, e no coração repercutiram-lhe os fragmentos magestosos d'uma epopeia, quando os primeiros accordes da « Ave Maria » de Gounod se fixaram no ouir. Na sua imperfeita comprehensão, não se distinguiram claramente as bellezas accumuladas no famoso trecho. Vinha-lhe tudo em globo, tumultuariamente, como se a legadaria figura da morte o arrebataste n'um instante levando-o por ermos desconhecidos, onde a sensibilidade fosse outra. N'aquella ondulação luminosa d'harmonias, sentia-se crescer, vencia espaços incommensuráveis, passava gloriosamente sobre altos montes, ia em rapido vôo sobre o mar tormentoso, para no fim parar em regiões serenas formadas de luz e melodia. Arrepenhava as carnes procurando a realidade na manifestação da dor; mordida os punhos a ponto de fazer sangue; queria gritar e não podia; agarrava-se energicamente á sua querida rabeca, n'uma effusão de ternura, e o seu coração não se apusiguava nunca! O canto angelico suave crescia em profundidade, augmentava em area — era como uma palpitação infantil. O cerebro de José Dominguez enchia-se de castiño, o enthusiasmo suffocava-o, aniquilava-lhe as forças. E lá era levado de novo, subindo até ficar sobranceiro ás nuvens, conhecendo instantes de paz e de tortura, chorando, sorrindo, estorcendo-se no chão como uma cobra ferida!

Os bravos e as palmas d'esta vez foram mais estrondosos. Prolongaram-se porque era o agradecimento final. Porém, todo esse ruido não pôde dominar um doloroso grito, torto como se saísse do peito d'Onhele n'um arranque de ciúme, meigo como se fora o ultimo quixume da rola Opheila.

Ficaram rapidamente silenciosos e perplexos os espectadores. Um soluço ansioso continuou, e para o lugar d'onde elle vinha se dirigiram as pessoas interessadas em tamanha dor. N'aquella burca escuro, de brucos sobre a rabeca que esmagulhara, estava o cego Guardian, que não poderam mais chamar á vida!

BENTO MORENO.



NO FIM DA MISSA

Ubi sub pectore cultus...
(Amato, Echos, IV, c. 62).

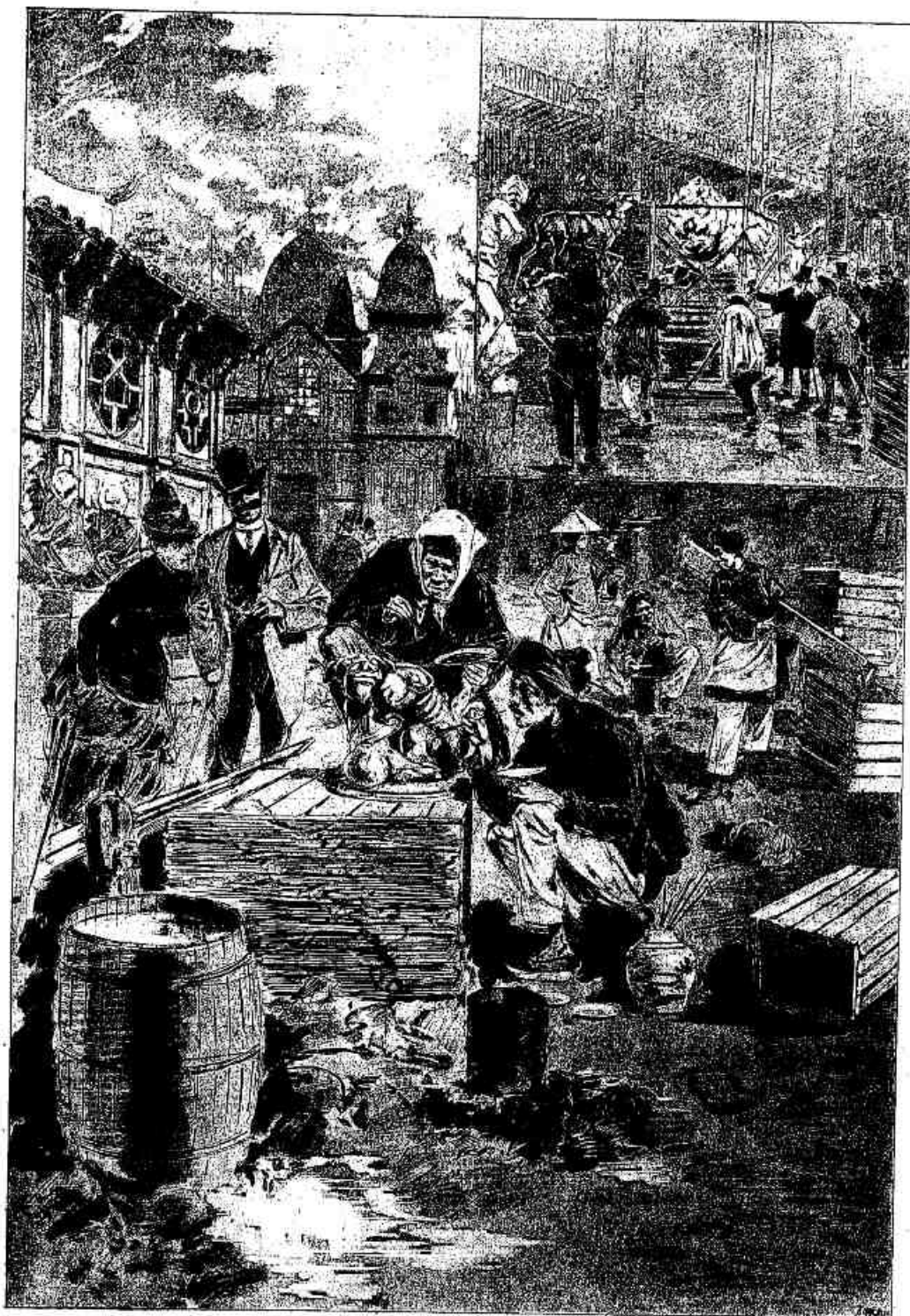
O templo estava cheio, o bispo officiava:
Um perfume subtil e célico emanava
Dos turbidos de ouro, em nuvens, mansamente...
Enchiam de tristeza o mysterioso ambiente...
Da enorme cathedra repleta de arcarias,
Os canticos finaes e as velhas melodias
Do orgão sacramento; andava pelo ar
Um murmuro subtil de vozes a rezer...
No fria solidão dos nichos, das capellas,
Entre a pallida luz tristissima das velas
E o morno vacillar das lampadas sagradas,
Erguam com doçura as frentes maceradas,
Fitando a colossal abobada do templo
Co' os seus olhos mortaes sem expressão nenhuma,
Os martyres que a Igreja aponta como exemplo.
Depois, já mais adiante, os santos e, em summa,
Toda a corte do céu innumera, infinita.
Inspirando-nos de, chamando á oração,
— Essa logo do céu que em todos nós crepita, —
Como typo de amor, de paz e de perdão,
Uma imagem do Christo esplendida, admiravel,
Tendo sangue a escorrer da fronte veneravel
E abertos para o povo os magros braços nus,
Parecia expirar do alio de uma cruz
Enorme de pãu santo; as vozes dos cantores,
Misturadas co'o cheiro exotico das flores,
Diffundiam-se no ar em ondas de harmonia...
Na vasta cathedra tão magestosa, havia
Um tremulo rumor de uma frescura immensa,
Que punha a nossa alma extatica e suspensa
Na vaga adoração do bello indefinido:
Era quando se ouvia a seda de um vestido,
Rogando no lugido alvissimo da igreja
Co' o leve sussurro de um passaro que adeja
Pela primeira vez, ou quando, de repente,
Já morta de calor, — o que não era raro, —
Uma dama elegante abria, docemente,
O seu leque da China immensamente caro.
Em seguida, depois, tudo ficava quieto
N'um silencio maior, mais profundo e completo.
Outras vezes, saltando uns guinchos agudissimos,
— Guinchos de tal maneira estridulos e fritos
Que partiam da igreja os canticos suavissimos,
E faziam sentir na carne os arrepios
Que sente uma mulher viratril e nervosa
Ao ouvir, quando a aurora as palpebras descerra,
A mão d'um operario herculeo e musculoso
Co' uma lima apontando a folha de uma serra, —
Rangia lá no fundo enorme guarda-vento
E abria-se uma porta: então, n'esse momento,
Entravam pela igreja, aos bandos, como as aves,
Raparigas do campo esbeltas e formosas
Que acordavam o echo oceanico das naveas
Co' o seu riso infantil, e que eram tão airozas
Que faziam lembrar princezas disfarçadas,
Tal era a gentileza activa do seu porte!
Semelhantes na forma, á forma das arcadas,
As janellas do côro olhavam para o norte:
Eram altas tambem, rasgadas, ogivas,
E, como era no vário, estavam entreabertas,
De forma que se via ás vezes os pardaos,
Voados, largamente, em curvas desegues,
Nas campinas do azul enorme e desertas
Cheias da luz do sol, junto do altar mór.
Revestido do manto immenso episcopal,
O bispo erguia a voz potente de tenor
Nos arcadas sem fim da velha cathedra.
Tinha-se dito a missa: o povo silencioso,
Prostrado e reverente, humilde e respeitoso,
Esperava que o bispo a benção lhe deitasse:
Se n'aquello momento uma mosca passasse
Zumbindo pela igreja, ouvisse-a lá!
O bispo officiava altivamente, em pé,
E o seu vulto distincto, — um typo de belleza, —
Na vasta cathedra cheia do povo e accesa
Com lustres colossaes, tinha um tom que ou nem sei
Se o deya comparar á distincção de um rail...
Com a grande bondade angelica dos velhos,
O bom prelado então voltou-se, gravemente,



PARIS. — Antecâmara contra o Presidente da República, no dia 5 de maio.



PARIS. — Os policiais protegendo o assassino FERRIC contra as ameaças da multidão.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — Os ANNAMITAS TRABALHANDO NA ESPLANADA DOS INVÁLIDOS.

P'ra a enorme multidão que estava de joelhos
E levantou o braço... Então, subitamente,
Como se o l'risse um raio,
Passou a mão churros e magri pela testa
E foi cahir no chão, victima de um desmaio,
Sobre os degraus do altar!

É que, ao findar a festa,
O hispo distinguira entre essa multidão
Que rezava aos seus pés contrita e arrependida,
Rezando alli tambem co' a grande devoção
De uma alma que soffia, uma mulher vestida
De luto, cujo olhar sem luz, turvado e haço.
E o rosto já sem cor, pallido como a cãra,
Revelavam a dor, a tristeza e o cansaço.
Cheio de horror, o hispo então reconheceu
N'essa mulher (ão velha e exausta de chorar,
Que rezava encostada a h'breira de uma porta,
A mulher que adorara antes de se ordenar
E que de ha muito já elle suppunha morta.
Lisboa, 1886.

EÇA DE ALMEIDA



A REVISTA DAS REVISTAS

A HIGIENE DO TRABALHO

O DOCTOR E. Monin acaba de publicar
sob este título um muito interessante e
util volume prefaciado por mr. Yves
Guyot.

Reproduzimos esse prefacio notavel pelo seu hum
senso e cheio de observações que indicam por parte
do seu auctor verdadeiro conhecimento da « questão
social, » a principal questão da nossa epocha.

A vida é a acção; os musculos ou os nervos to-
mam maior ou menor parte n'ella conforme o seu
objecto.

A manobra é o trabalho dos braços das espaldas,
dos rins ou dos carvas.

O mechanico volta uma manivella, carrega sobre
um pistão, dirige a sua machina e deixa-lhe fazer o
esforço.

O progresso industrial consiste em substituir o
esforço muscular pela direcção intellectual.

Aqueles que citam os antigos tempos, que deplo-
ram haver passado, classificam a industria de « mi-
nuto moderno, » e apresentam esta fonte de rique-
zas como causal de pobreza; é desigual porém: que
os trabalhadores, com bem menor esforço, produ-
zem cada dia maior numero de objectos uteis de
que em primeiro lugar tem a sua disposição reci-
proca, muito mais baratos que outrora, restan-
do-lhe ainda uma participação cada vez mais pre-
ponderante na remuneração de tues productos. Os
que proclamam o contrario provam simplesmente
que acreditam em palavras, mas ignoram os factos.

O trabalho necessita e provavelmente sempre ne-
cessitará de um esforço, quer seja muscular, quer
intellectual. Gasta as nossas forças conforme o meio
em que se empregam, hum como a energia, segundo
o esforço que este reclama.

Um subito no seu laboratorio, um escriptor no
gabinete, um marinheiro a bordo, um mecanico
junto a machina, é como o fuso, parte integrante
de fiação, corre o risco profissional que mais ou
menos lentamente se manifesta. Entre os misteres
mais insalubres conta-se o do medico, pois todos
morremos do que nos faz viver.

A hygiene não impedirá que morramos, mas pode
contribuir a conservarmos as forças por maior
espaço de tempo e permitir-nos atingir a velhice.

A hygiene é a adaptação no meio em que vi-
vemos.

Conhecem-se duas sortes d'hygiene: a hygiene
publica e a hygiene particular. A hygiene publica
tem um caracter positivo e outro negativo.

Os habitantes de um concelho, de uma parochia
mesmo, devem buscar e preferir a agua isenta
de toda a contaminação. Devem pagar as sommas
necessarias para que os seus excrementos sejam
transportados com a maxima rapidez para pontos
distantes das suas habitações. Devem exigir que as
suas ruas sejam varridas e regadas. As municipa-
lidades incumbem tues cuidados collectivos. Cada
habitante por si só não podendo realisá-los, deve
entregar a sua parte contributiva ao fundo comu-
m para estes serviços d'interesse geral e indi-
visíveis. Eis o caracter positivo da hygiene.

Quando a hygiene se apresenta como instrumento
de prohibição, levantam-se então fortes difficul-
dades.

A mercê de um ou mais homens, cada um com
suas theorias, paludes e até mesmo interesses, são
susceptíveis tambem cada um sufficiente de erros
pessoais maior ou menor.

Em que medida devem intervir os hygienistas na
actividade social?

Eis um dos problemas mais graves dos nossos
dias.

VARIAS NOTICIAS

Um medico americano acudia de descobrir uma
nova doença a que estão geralmente expostos os
fumadores de cigarro.

Diz que a vista se obscurece, e que os olhos se
cobrem de uma pellicula tenue que tomando pouco
a pouco gradual espessura, acaba por produzir com-
pleta cegueira.

E' provavel que esta descoberta não intimide os
fumadores, mesmo porque sendo o uso do fumo
condemnado de ha muito tempo, talvez, por esse
motivo, tem adquirido a atracção de fructo prohibi-
do.

X

Divorcios de 1867 a 1886. Houve nos Estados-
Unidos 328.716 divorcios judiciais, o que dá a
media annual de 17.300 por anno, isto sem contar
os officios que alli se contam por milhares an-
nualmente.

X

Segundo as ultimas estatisticas officias publica-
das, a população dos Estados-Unidos eleva-se a
61.702.000 almas. O primeiro augmento impor-
tante na população dos Estados deu-se entre os an-
nos de 1860 a 1870, em que ali desembarcaram
sete milhões de emigrantes. No periodo de 1870 a
1880 — uns doze milhões de pessoas foram ainda
augmentar a população normal.

A decada de 1870 a 1880, representa tambem um
augmento de quinze milhões, não se contando
em menos de outros quinze milhões o numero dos
estrangeros chegados aquella paiz desde 1880 a
dezembro de 1888.

X

Segundo diz o « Court Journal », os bairros
centrais de Londres e a City serão brevemente il-
luminados a luz electrica.

X

O caminho de ferro do Pacifico conta entre mul-
tas outras particularidades, o maior lance em
linha recta conhecido. Encontra-se ao sopé dos
Andes; tem 350 kilometros de extensão, não apre-
senta a menor curva nem atravessa rio algum.

A planície que percorre este caminho não pos-
suindo florestas de madeira de bastante dura, faz
com que as travessas sobre que assentam os rails
sejam de aço.

Actualmente trabalha-se em ligar esta linha ao
caminho de ferro Chileno, construindo outra sobre
a vertente dos Andes.

X

Importação de fructas em Inglaterra. Eis os alga-
rismos que este commercio attingiu nos cinco an-
nos de 1883 a 1887:

1883	6.615.193 libras.
1884	6.972.263 "
1885	6.486.709 "
1886	5.977.351 "
1887	6.199.234 "

Não comprehende esta tabella as nozes que por
si só representaram nos cinco annos citados cifra
superior a um milhão de libras esterlinas.

Os paizes que maior contingente forneceram para
tal volume de importação foram em primeiro lugar
a Australia e em seguida a Hespanha e a Italia.

INSTRUÇÃO EM FRANÇA.

O numero das escolas primarias publicas não
comprehendendo as escolas maternae, eleva-se a
70.143, das quaes 13.022 são as escolas livres.

As classes publicas elevam-se a 94.375, e as livres
a 33.004.

O total dos alumnos inscriptos em todas as esco-
las primarias publicas e livres, ligadas e congrega-
nistas, exceptuando as escolas maternae, era em
1887 de 3.468.981; e no de 1888 elevou-se a
3.531.222; isto é, mais 62.241 do que o anno an-
terior.

As escolas maternae são em numero de 5.741.

O PHYLLOXERA.

Os vinhedos de Portugal, segundo as inspecções
effectuadas, acham-se disseminados em uma area
total de 8.962.531 hectares, que os funcionarios
technicos da direcção geral de agricultura, con-
forme o disposto nos artigos 13.º e 14.º do de-
creto de 10 de dezembro de 1886, dividiram da se-
guinte forma:

Territorio phylloxerado,	3.435.542
suscepto.....	1.635.860
indemne.....	3.889.383

O que prefaz o total de 8.962.531 hectares, sendo
3.435.542 hectares para a circumscripção do norte
e 5.036.989 para a do sul.

GRANDE MACHINA A VAPOR

A mais poderosa machina a vapor do mundo está
na Pensilvania, na fabrica de zinco de Friedens-
ville.

O poderoso motor tem o nome de *Presidente* e é
alimentado por dezesseis caldeiras e tem a força de
5.000 cavallos. Duplicando o numero de caldeiras,
poderá desenvolver a força de 10.000 cavallos.

Não há em parte alguma do mundo bomba a va-
por que possa rivalisar com esse monstro. A cada
rotação levanta um volume enorme d'agua. O nu-
mero de galões que levanta por minuto é de 17.500.
Funciona com regularidade admiravel e con-
soma diariamente 28 toneladas de carvão.

DEPOIS DA PREDICA

Na sacristia d'uma das nossas mais bonitas egre-
jas, o velho conego N..., uma antiga gloria do pul-
pito, apertou effusivamente as mãos do novo viga-
rio S... que no sermão de Vesperas pronunciou um
improvisio magistral.

— Ah! querido amigo, tive immenso prazer em
ouvi-lo: eis ali o que se chama uma boa palavra
evangelica da qual se colhem optimos fructos. O
amigo e um propagandista maravilhoso, como a
Igreja deveria contar muitos!

— O meu querido mestre confunde-me, e por
muito que eu faça não chegarei nunca a altura do
seu immittavel talento.

— Talento que desapareceu, meu joven amigo!
— Gloria incontestada querido mestre! Mas qual
foi o motivo que obrigou a renunciar tão cedo a
pronunciar a palavra de Deus?

— Ai de mim! Infelizmente por causa d'um ac-
cidente muito vulgar: Os meus dentes cahiram todos
repentinamente, e isso tornou-me a palavra pesada
e a pronunciação difficil. Ah! joven amigo, trate
cuidadosamente dos seus dentes se, como eu, não
se quer ver forçado a abandonar muito cedo o en-
gino da nossa Santa Fé.

— Obrigado pelo seu conselho, querido mestre,
embora elle chegue um pouco tarde. Ha muito que
uso um elixir que tem propriedades maravilhosas
de preservação.

— Qual é?

O *Elixir dentifício* dos R. R. P. P. Benedictinos
da Abbadia de Soulas.

— Ah! sim... Ainda uma bella descoberta d'es-
ses bons frades.

Agente geral: A. SEGUIN, BORDEAUX.

Preço de venda em França, Elixir: 2. 4.
8, 12 e 20 francos;

Preço de venda em França, Pos: 1.25 e 3
francos.

Preço de venda em França, Pasta: 1.25
e 2 francos.

Encontra-se em todos os perfumistas, Ca-
beleiros, pharmaceuticos, Drguistas, mer-
ceiros, etc.

BARÃO REAL VIOLET BARÃO
DE THIRAGE, 133, Boulevard de la Chapelle, Paris
Recomendado por autoridades francezas para a Higienza da Pelle e da Garganta da Gula.

AOS DÉPILATOIRES DUSSEY

PATE EPILATOIRE para o rosto — PILIVORE para os braços

DUSSEY, Inventor, 1, Rue Jean-Jacques-Rousseau (Em face do Louvre)



— Vejo que a
sua... mudou
sua... e recusa
Dussey.
— Sim, mas
não vem de fora,
não vem de fora,
não vem de fora,
não vem de fora...

— Graças ao Pilivore, agora
é ao lado, está aqui...
— É um produto delicioso-
mente eficiente...
— É eu em casa, de Dussey,
para que não a gente
veja o resultado em casa...

Dussey descobriu assim
com a Pate e Pilivore.
Tornar de cá do mundo
é brincar com o público
As deusas de cá do amor!

— Com o Pilivore, Apolo se não parece com Vulcano.
— O Pilivore é por cima da cutis a charmeuse — e o Pilivore leva a vida da ti.

— Não tem o mesmo tempo da passagem que a vida da ti. Então, d'um frescor a fazer inveja ao anjo!
— Quer a vida? Vá a Parfumeria Dussey e pede a Pate Epilatoire e o pó de charmeuse.

A PASTA EPILATORIA DUSSEY

Dezesse mil milímetros de Penicillina Desagregável (Mucina, Glicina, etc.), dos tipos de Salmone, com nenhum inconveniente para a pele mais delicada. 30 ANOS DE ÊXITO. Elevadas Reconhecimentos. Prêmios, Prêmios de Fomento de muitas Famílias reais, Milhares de atestados, e a reputação de melhores Epilatórios de Conservação Médica, garantem a eficácia e absoluta segurança deste preparado. Vende-se em caixas para o rosto, e outras caixas para um pequeno banho. O PILIVORE se usa para os braços, sem qualquer inconveniente de qualquer natureza. DUSSEY, 1, Rue Jean-Jacques-Rousseau, PARIS; Rua Lisboa: GUBROFF, BENARD, Farmácia ESTALU & C, e nos principais Farmácias de Lisboa e do Brasil.

DIGESTÕES DIFFICILIS DOENÇAS do ESTOMAGO GASTRALGIA ANEMIA
Dyspepsia Perda da Appetite
ELIXIR GREZ
TONICO-DIGESTIVO COM QUINA, COCA e PEPINA
 ADOPTADO EM TODOS os HOSPITAIS — Medalha de Ouro e Diplomas de Honra
 PARIS — GREZ, 34, rue La Bruyère, e em todas as Pharmacias
 Em Grosso: M. M. COLLIN et C^{ie}, 49, rue d'Orléans

ASTHMA E CATARRHO
Curados CIGARROS ESPIC Em França
 COM OS CIGARROS ESPIC
 Opressão, Tosse, Congestão, Neuralgia
 Em todas as Pharmacias de Portugal e do Brasil. — PARIS, Vende por grosso,
 J. SPIC, Rue St-Lazare, 20. Escribir esta designação sobre cada Cigarro.

Em todos os Perfumistas e Cabeleleiros de França e do Extremo
VELOUTINE
 especial
 PREPARADO COM HEMUTÓ
 Por CH^{re} FAY, Perfumista
 9, rue de la Paix, PARIS

EXPOSIÇÃO UNIV^{re} 1878
 Médaille d'Or Croix-Chevalier
 LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES
Nova Creação
PRIMAVERA
E. COUDRAY
 Inventor de
PERFUMARIA ESPECIAL de LACTEINA
 Tão agradável ao olfato quanto.
 Sabonete PRIMAVERA
 Óleo PRIMAVERA
 Água de Toilete PRIMAVERA
 Essência PRIMAVERA
 Pó de Arroz PRIMAVERA
 FABRICA e DEPOSITO:
 PARIS 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS
 Agentes e vendedores em todas as partes do mundo. Paris: M. M. COLLIN et C^{ie}.

BELLEZA DO ROSTO
 LAIT ANTI-VERGELIQUE
O LEITE ANTEPHELICO
 para o misturado com água, desliza
 SARDAS, TÊX GRESTADA
 PINTAS-RUBRAS, BORRULHAS
 ROSTO SARABULHENTO
 E FARIACAO
 RUGAS
 e conserva a cutis lisa e o claro
 Caudex & C^{ie} 8, St-Denis

Case De VERTUS Sœurs
ESPARTILHOS
PARIS 12, Rue Auber

FERRAMENTA D'AMADORES
 E INDUSTRIALES
 TRANSFORMAÇÃO para ENLARGAR e APERTURAR
 as peças e ferramentas com o uso
 mais de 100 modelos de SEPARA-MECHAS
 FERRAMENTA de todos os tipos
 fabricada em Paris-Albion (1875) 125
 milhares e milhares de peças
 preço de venda única 85 cent
 TIENTSOT, brevidade, rue Condorcet, 16, Paris

